II Congresso Internacional das **Ciências Agrárias** COINTER - PDVAgro 2017

ADMINISTRAÇÃO: FERRAMENTA DE CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO

Apresentação: Comunicação Oral

Esmeraldo Bezerra de Melo Junior¹; Claudio Jorge Gomes da Rocha Junior²

Resumo

O Semiárido brasileiro caracteriza-se por ser um local de escassez e má distribuição de recursos, que gera adversidades para as pessoas que nele residem e tentam viver da agropecuária. Por sua vez, a Administração Rural como arte, ciência e processo de tomada de decisões sobre objetivos e utilização de recursos está bem consolidada, embora esteja em constante aperfeiçoamento. Diante desses paradigmas pôde-se entender a Administração Rural como uma ferramenta de Convivência com o Semiárido. Independente do letramento e dos objetivos pessoais, a gestão quando acessível se tornaria ferramenta aliada à propulsão das pessoas que residem no campo. A hipótese levantada neste exercício de reflexão aponta que a ferramenta da Administração Rural, pode ser aplicada pelos agropecuaristas e pelas populações sertanejas, no intuito de: minimizar os efeitos da falta de alimentos, reduzindo a fome e suprimindo a carência alimentar; melhorar o acesso à água, tanto em qualidade, como em quantidade; reduzir os efeitos da exploração desordenada dos ambientes; reduzir a mortalidade dos rebanhos; racionalizar a produção rural; por consequência melhorar a qualidade de vida das pessoas; evitar o êxodo rural; e melhorar a economia regional. É neste contexto que seguem o estudo dos seguintes temas: o Semiárido – como ambiente de implementação e estudo de possíveis ações de administração; a convivência com o Semiárido – no sentido de se estudar quais as ações que foram e estão sendo feitas, analisando-se aspectos de cunho linguísticos, procurando desvendar as confusões que se fazem quando da conceituação das estratégias de convivência; e a Administração Rural – verificando-se as possíveis implicações dos estudos sobre as organizações, os administradores, a administração em si e suas funções administrativas.

Palavras-Chave: semiárido, convivência, administração rural.

Introdução

O presente trabalho destinou-se a analisar teoricamente a Administração Rural e verificar suas possíveis implicações sobre a convivência do produtor rural situado no Semiárido Nordeste.

A hipótese levantada neste exercício de reflexão aponta que a ferramenta da Administração Rural, pode ser aplicada pelos agropecuaristas e pelas populações sertanejas,

¹ Engenheiro Agrônomo, UFRPE, esmeraldoagricola@yahoo.com.br

² Prof. Me., UFRPE, claudio.rochajr@ufrpe.br

no intuito de: minimizar os efeitos da falta de alimentos, reduzindo a fome e suprimindo a carência alimentar; melhorar o acesso à água, tanto em qualidade, como em quantidade; reduzir os efeitos da exploração desordenada dos ambientes; reduzir a mortalidade dos rebanhos; racionalizar a produção rural; por consequência melhorar a qualidade de vida das pessoas; evitar o êxodo rural; e melhorar a economia regional.

É nesse contexto que a seguir seguem-se o estudo dos seguintes temas: o Semiárido – como ambiente de implementação e estudo de possíveis ações de administração; a convivência com o Semiárido – no sentido de se estudar quais as ações que foram e estão sendo feitas, analisando-se aspectos de cunho linguísticos, procurando desvendar as confusões que se fazem quando da conceituação das estratégias de convivência; e a Administração Rural – verificando-se as possíveis implicações dos estudos sobre as organizações, os administradores, a administração em si e suas funções administrativas..

Fundamentação Teórica

O Semiárido brasileiro

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2011) dos 52 milhões de nordestinos, 14.260.704 estão na área rural, ou seja, 26% da população. Em comparação, ao lado da Região Norte do país, que detém um total de 26,47% de sua população na área rural, o Nordeste é a região Brasileira com maior percentual de sua população residindo na área rural.

O Semiárido é a maior sub-região do Nordeste, ocupando mais da metade do território nordestino. Ele é descrito por estes autores como uma região de paisagem semiárida, na qual predominam solos pedregosos e vegetação de Caatinga (PORTELA e ANDRADE, 2005).

É necessário entender que o Semiárido brasileiro é um local que tem características próprias e únicas em relação às diferentes áreas do mundo com qualidades semelhantes, como por exemplos os desertos.

“[...] a realidade do semiárido não se esgota em sua dimensão ambiental caracterizada pela seca, mas é atravessada pelas dimensões social, política, econômica, cultural, diversificada e não reduzida ao aspecto físico do período de estiagem” (GALINDO, 2008, p. 20).

Portanto, verifica-se que o elemento climático é um detalhe, no meio de um conjunto de problemas que compõe o Semiárido. Conforme Portela e Andrade (2005) o Nordeste é visto como um lugar problemático pelo restante do país, pois há uma forte presença da fome, intensos fluxos migratórios, concentração de renda e muita pobreza.

Diante do exposto sobre o Semiárido, surgem algumas questões, como por exemplo: o que está sendo feito para que se melhore a situação do Semiárido? Qual o papel das estratégias de Convivência com a Seca para a região? “Como explicar o fato de países com características climáticas bem mais adversas que a do Sertão nordestino, como Israel e Austrália, não padecerem na miséria? ” (PORTELA E ANDRADE, 2005, p.06).

Convivência com o Semiárido

Há um entendimento tortuoso, que faz com que as medidas de Convivência com o Semiárido e os projetos e planos governamentais implementados na região não deem certo, a exemplo de medidas emergenciais como açudes, sementes, irrigação e raças exóticas (GALINDO, 2008).

O Semiárido é inviável ou é mal administrado? De acordo com Galindo (2008, p. 29) “Vários estudos questionam as premissas sobre a inviabilidade da região semiárida e propõem, em contrapartida, uma abordagem diferenciada, considerando sua complexidade, atravessada por várias dimensões além da ambiental”.

As políticas públicas, neste contexto, têm enorme importância, além, claro, das medidas adotadas pela população. Há uma solução para o problema do Semiárido, que são as estratégias de Convivência, as quais segundo Portela e Andrade (2005) priorizam as potencialidades locais e aproveitam o conhecimento dos próprios sertanejos.

Para Galindo (2008) o Semiárido deve ser entendido como “vida e mundo”. Será que o autor quis dizer que não há como se formular estratégias para desenvolvimento da região, sem que se interprete, reconheça e compreenda os componentes naturais e antrópicos envolvidos?

Portanto, conviver com o Semiárido é totalmente diferente de combater a seca, a qual mantém a sociedade excluída de políticas estruturadoras desconsiderando a vida e local de origem dos sertanejos (GALINDO, 2008), sem engajamento com a realidade *in loco*, sem conhecimento dos processos cotidianos e sem o entendimento da realidade.

Para concluir o raciocínio, Portela e Andrade (2005) informam que o sertanejo, que passa a sua vida inteira, observando e sofrendo os efeitos da seca, conhece soluções que lhe permitem conviver com o problema. A construção de cisternas, a perfuração de poços, a construção de barragens, a utilização de culturas adaptas à semiaridez como o sorgo e as variedades da Caatinga, enfim, seus conhecimentos como um todo o fazem amenizar os efeitos da falta de água da região.

Portela e Andrade (2005, p. 57) afirmam que “é necessário fazer uma política de planejamento que não olhe para essa área como um problema, e sim priorize a sua viabilidade”.

Num mesmo raciocínio Gomes (2006, p. 77) informa que: “[...] muito mais que tecnologias e grandes obras, a Convivência com o Semiárido tem como princípio fundamental o desenvolvimento das ‘capacidades’ individuais e coletivas dos agricultores familiares”.

Diante dessas afirmações, é possível entender a necessidade de se fazer uma política de planejamento, pois já existe uma grande quantidade de tecnologias desenvolvidas para o Semiárido e que é necessário desenvolver as capacidades individuais e coletivas dos agricultores da região. Nesse sentido, pergunta-se: a Administração Rural poderia ser concebida como uma ferramenta de Convivência com o Semiárido?

Administração rural

A gestão rural consiste em aplicar os conhecimentos da administração como um todo dentro do ambiente agropecuário. Este tópico destina-se a apresentar os seguintes temas: organizações – grupos formais ou informais em prol de objetivos; o administrador – o ator do processo de gerenciamento; e administração – definições, aplicações e funções básicas.

Organizações

Pode-se dizer que o principal elemento que sofre intervenção pela Administração é a Organização. Vários autores concordam com esta ideia. (CHIAVENATO, 2004; GRIFFIN, 2007; MAXIMIANO, 2007, 2008).

Maximiano (2008, p. 04) define a organização da seguinte forma: “Uma organização é um sistema de recursos que procura realizar objetivos”. No mesmo sentido, ele informa que pessoas, informação, conhecimento, espaço, tempo, dinheiro e instalações compõem a organização em busca de determinados objetivos.

Para Griffin (2007, p. 25) “Organização é um grupo de pessoas que trabalham juntas, de modo coordenado, para atingir determinados objetivos”. Por outro lado, Stoner e Freeman (1999, p. 4) apresentam um conceito muito mais resumido e claro, para eles organização trata-se de “Duas ou mais pessoas trabalhando juntas e de modo estruturado para alcançar um objetivo específico ou um conjunto de objetivos.” Verifica-se, portanto, que o agrupamento de coisas para que se alcance um objetivo é o que caracteriza a organização. (GRIFFIN, 2007; MAXIMIANO, 2008).

Para que se atendam as expectativas e as necessidades sociais, as organizações precisam ser bem administradas e quem faz esse papel é o administrador, um elemento essencial da Administração e a ele cabe várias atribuições. Então surge um questionamento: quem é este ser? (CHIAVENATO, 2004; MAXIMIANO, 2007).

O administrador

Chiavenato (2007, p. 2) informa que “[...] Uma organização necessita de uma

complexa equipe de pessoas altamente qualificadas – para sua adequada administração. [...]” O mesmo autor (2004) nos revela que o bom administrador é capaz de alcançar os objetivos com o mínimo de dispêndio de recursos e de esforço, causando o menor atrito possível com outras atividades úteis.

Qualquer pessoa pode ser um administrador. Sobre essa afirmação, Chiavenato (2004) o que caracteriza de acordo com a função que exerce. O administrador torna economicamente produtivo os recursos organizacionais e cabe a ele minimizar riscos e maximizar as oportunidades.

Já Longenecker et al (2013) informam que as oportunidades existem para quem é capaz de desenvolvê-las, e isto cabe ao administrador. Cabe a ele descobrir uma maneira de atribuir valor. Portanto, verifica-se que o papel do administrador é extremamente multivariado e contingencial, devendo apresentar o estado de competência que é definido pela junção entre: conhecimento (saber), habilidades (saber fazer) e atitudes (saber realizar). (CHIAVENATO, 2007).

Maximiano (2007) apresenta cada indivíduo como administrador de si próprio, diz que no dia-a-dia das pessoas encontram-se repletas decisões, por exemplo, as escolhas de objetivos e prioridades pessoais e orçamento doméstico. Ainda defende (2007, p. 15) que “[...] os administradores ou gerentes são as pessoas responsáveis pelo desempenho de outras pessoas, que formam sua equipe, e sobre esta equipe têm autoridade”.

Visto que o objeto da Administração é a organização e que o administrador é o seu agente. Então, o que é Administração? Eis algumas definições:

Administração

Chiavenato (2004, p. 2) informa que “A administração nada mais é do que a condução racional das atividades de uma organização seja ela lucrativa ou não.” E segue afirmando que “Nos dias de hoje, a administração revela-se como uma área do conhecimento humano repleta de complexidades e desafios”.

Ora, então a aplicação da Administração no contexto do Semiárido seria o que, senão uma nova abordagem desafiadora e complexa para esta Ciência?

A administração foi a grande responsável pelo desenvolvimento da humanidade no século passado, além disso, tem sido diretamente relacionada ao aumento da qualidade de vida das pessoas e transforma a contribuição de várias ciências em parte de nossa vida cotidiana (CHIAVENATO, 2007).

“A administração é importante em qualquer escala de utilização de recursos para realizar objetivos – individual, familiar, grupal, organizacional ou social”. (MAXIMIANO,

2008. p. 6).

Diante de tal debate, sobre o papel da administração, é necessário entender qual a sua função nos dias atuais e futuros.

Para o presente, Maximiano (2008) apresenta a administração dentro de um contexto dinâmico a todos os tipos de ambientes (competitivo, tecnológico, econômico e social) e essas mudanças foram capazes de levar ao surgimento de novos conceitos e técnicas para administrar as organizações, ou seja, a novos paradigmas para a administração. O mesmo autor (2008, p. 19) revela que “Paradigmas são modelos ou padrões, que servem como marcos de referência para explicar às pessoas como lidar com diferentes situações e ajudá-las nisso”.

Chiavenato (2007) apresenta a Administração como uma esperança, porém, ressalta que o futuro é incerto e desafiador, sujeito às mudanças e transformações, ambiguidades e incertezas, com problemas cada vez mais diferentes e complexos, devido à sujeição aos ambientes externos, que por vezes apresentam-se turbulentos.

A administração, uma teoria para o futuro apresentaria algumas tendências, por exemplo, a de que o estudo comparativo da teoria administrativa se tornará uma abordagem dominante incluindo diferentes disciplinas acadêmicas. Além disso, há a perspectiva de que a administração continuará em processo de constante aperfeiçoamento, que o elemento crítico-administrativo seria um diferencial entre as empresas, que a teoria estaria criando conceitos que levariam a vantagens competitivas que afetariam diretamente o crescimento das nações (KWASNISKA, 2007).

Finalizando, dentro do encadeamento geral deste trabalho, Griffin (2007) adverte que existem vários desafios para a administração, a exemplo da instabilidade da economia, que limita a capacidade de planejar o futuro, a diversidade social e de povos, privacidade dos funcionários, crescimento da terceirização (*outsourcing*), globalização, variação da disponibilidade dos recursos naturais, papel dos governos, diferentes culturas e nações, diferentes processos de equipe e intergrupais, responsabilidade ética e social, qualidade dos produtos e serviços, competição, produtividade, etc.

Metodologia

Durante a confecção deste trabalho foi realizado um estudo descritivo com abordagem qualitativa, mediante levantamento bibliográfico profundo sobre o tema em livros relacionados ao assunto, seguindo o método descrito por Oliveira (2008) com as devidas adaptações. Dois ramos distintos do conhecimento foram estudados, podendo-se falar que os temas estudados foram segmentados inicialmente em três capítulos, Semiárido Brasileiro,

Convivência com o Semiárido e Administração Rural. A estruturação do referencial teórico foi realizada conforme descrito na figura 01.

Figura 01 - Fluxograma dos temas abordados. Fonte: Própria

A sistematização das informações foi feita por meio da anotação dos pontos mais importantes de cada material em fichas individuais dos livros analisados, que foi ou não utilizado no texto.

Por último, foi realizada a codificação de todas as informações colhidas e consideradas pertinentes e de relevância para o tema e escrita desta pesquisa. Nesta fase ocorreu uma escrita e reescrita dos materiais teóricos relacionados aos assuntos abordados, se fez uma comparação entre os autores, uma crítica aos diferentes pontos de vista e uma análise geral do tema.

Resultados e Discussão

Pode-se inferir que o Semiárido brasileiro não é um deserto, a exemplo do Sahel africano, onde as condições climáticas são muito mais adversas, mesmo sabendo que no Nordeste do Brasil se tem uma elevada amplitude térmica e precipitações abaixo dos 800 mm/ano. O problema das chuvas no nosso Semiárido não é a quantidade e sim a distribuição.

Outro elemento a ser considerado, em relação ao Semiárido, é o processo de desertificação, que deve ser controlado, pois se instalado fica mais difícil a recuperação da capacidade dos solos. Este fator se deve, provavelmente, às condições de uso de nossos solos que desconsideram as práticas conservacionistas.

A realidade do Semiárido, para que se adotem medidas de Convivência com o mesmo deve ser considerada, pois como foram estudadas, várias dimensões atravessam esta realidade, a social, política, econômica e cultural. O clima neste contexto trata-se apenas de um detalhe, sendo importante as políticas públicas e ações governamentais realizadas.

O papel das estratégias de convivência com a seca para a região é considerável, entretanto, não é levado em conta como se deveria. É preciso uma maior difusão das pesquisas e conhecimentos em relação à convivência com o Semiárido.

Esta questão deve ser estudada com maior profundidade, o fator para países com características climáticas bem mais adversas que a do Sertão nordestino, como Israel e Austrália não padecerem na miséria se deve a eficiência na administração de seus recursos.

Os investimentos ao Semiárido são marcados pelo imediatismo das políticas emergenciais e compensatórias, ou seja, há um ataque aos efeitos da estiagem e não as suas causas e não há uma política de planejamento permanente que possibilite ao povo conviver com a seca.

No entendimento, depreendido de toda esta pesquisa, a teoria sobre a inviabilidade do Semiárido pode ser refutada mediante estudos com abordagem diferenciada, considerando a complexidade do meio. A alternativa restante é que a falta de desenvolvimento pleno desta região se dá pela má administração, seja por parte dos gestores, que desenvolvem e definem as políticas públicas; das elites regionais que definem as estratégias, amarrações e apadrinhamento de interesses particulares; ou pelo próprio agricultor sertanejo, que gerencia com baixa eficiência sua propriedade.

As estratégias de convivência com a seca devem se basear nas próprias potencialidades e conhecimentos dos sertanejos. Para Galindo (2008) o Semiárido deve ser entendido como “vida e mundo”. Obrigatoriamente as estratégias para desenvolvimento da região precisam levar em conta tanto os elementos naturais como os antrópicos.

A orientação técnica servida aos produtores da região carece de um elemento diferencial, baseado em conhecimentos, tantos técnicos como sociais. Desta forma, as práticas realizadas perante os agricultores devem-se basear no engajamento dos mesmos, na busca para que eles apreendam os elementos de sua realidade, de forma a refletir baseados no diálogo, fortalecendo as capacidades individuais dos cidadãos.

Os governos são organizações, as empresas também, além das famílias, pois claro, devem ser consideradas como um sistema, mesmo que seja composta apenas de mãe e filho que tentam realizar algum objetivo – que, no caso das famílias sertanejas, muitas vezes, é apenas “sobreviver”.

As medidas de convivência com o Semiárido enfocam as pessoas que estão naquele meio e, estas formam uma organização, seja ela a familiar, associativa, sindical. A família, o principal elemento de intervenção nas estratégias de convivência, deve ser assemelhada, para que se desenvolvam estratégias administrativas, à empresa. A família é uma organização quase que puramente informal, já que não há uma clara divisão do trabalho, organograma e as relações são horizontais. Pode-se dizer que não há um chefe propriamente dito, mas sim uma liderança. Portanto, cabe a futuros estudos sobre administração verificar como ocorrem essas relações: o agricultor familiar enquanto organização.

Assemelhar família à uma empresa, neste sentido, não significa em hipótese nenhuma igualar, uma vez que as características do grupo familiar são diferenciadas, levando em si os elementos humanos, como comportamentos e emoções. Entretanto, deve-se considerar que ao exercerem atividades econômicas no ambiente rural, estas atividades devem ser mais bem gerenciadas, melhor administradas, como o fazem as empresas.

Portanto, é necessário estudar a família rural, já que ela é a própria empresa no Semiárido, pois é esta que vive diretamente entre a terra e os animais.

Pode-se inferir que a administração é a atividade de planejar, organizar, dirigir e controlar recursos, tomando decisões sobre estes para o alcance de objetivos. No contexto do Semiárido, levando-se em conta suas especificidades, a aplicação desta Ciência seria uma forma de uma nova abordagem, altamente complexa e desafiadora.

Como cabe a administração transformar recursos e competências em resultados tangíveis e extraordinários, e como ela foi a possível responsável pelo desenvolvimento da humanidade, é necessário procurar formas de aplicar esta Ciência universal no contexto do Semiárido.

A administração é importante em qualquer escala de utilização de recursos, seja individual, familiar, grupal, organizacional ou social. O núcleo familiar requer o mínimo de administração. Assim sendo, deve-se promover a gestão como técnica social no intuito de reduzir o assistencialismo e promover justiça. Esta Ciência possivelmente é uma esperança para o futuro do Sertão.

O planejamento pode ser considerado a maneira como se dão as relações com o futuro. Planejar é tomar decisões antecipadamente em relações aos objetivos de forma racional. É a mais importante das funções administrativas porque é a inicial, através do planejamento, consegue-se absorver as incertezas.

A estiagem não é uma incerteza, todo nordestino sabe que em certo momento do ano, possivelmente entre agosto e fevereiro, não choverá. Neste sentido o planejamento deve ser

aplicado como uma forma de se antecipar às faltas de chuvas, entendendo as forças do ambiente.

É preciso que se desperte na cultura do sertanejo, a preparação. Uma correta extensão rural, neste sentido deve desenvolver, juntamente com o agricultor, planos como cronogramas, calendários, orçamentos, fluxogramas e projetos agrícolas. Uma atividade de extensão acadêmica interessante seria, por exemplo, a aplicação de técnicas de elaboração de planos de negócio junto a estes agricultores.

Outro fator importante a ser estudado, acerca do planejamento, é sobre o nível em que ele ocorre entre os agropecuaristas sertanejos. É necessário compreender os planejamentos estratégico, tático e operacional. É importante conhecer os objetivos dos agricultores, por exemplo, um estudo que determine aonde o agricultor pretende chegar com sua produção, verificando se o seu objetivo é o lucro, expansão, segurança, autonomia ou independência.

A função organização trata do estudo da estruturação dos elementos materiais e humanos de forma a alocar trabalho e distribuir autoridade em partes coordenadas segundo algum critério ou princípio. Nesse sentido faz-se necessário o estudo das responsabilidades dentro da família rural, além disto, outra observação seria sobre as relações de autoridade nas famílias ou entre empresas rurais localizadas no Semiárido.

Como o agropecuarista do Semiárido normalmente trabalha com mão-de-obra familiar, infere-se que a estrutura organizacional obedeça a esquemas mais simples. Porém, há necessidade de analisar as relações de trabalho, como se dá a distribuição de poder (centralização ou descentralização), quem exerce autoridade, além de estudos sobre o tamanho organizacional, conhecendo-se o volume de recursos destas organizações.

Entendendo-se a família sertaneja, como sendo a empresa, é importante estudar o ciclo de vida desta organização. Por exemplo, qual o impacto na atividade agrícola quando esta se desfaz? O que é que ocorre quando os filhos deixam a propriedade dos pais e passam a trabalhar na sua própria terra ou abandonam a atividade rural? Qual a amplitude de controle no ambiente do Semiárido?

As organizações bem sucedidas formam alianças, construindo o que denominamos de redes, por exemplo, a ASA – Articulação do Semiárido. Estas recebem o aporte de equipes multifuncionais e multidisciplinares e, provavelmente é o fator que determina o sucesso destes tipos de organizações. Portanto, é necessário estudos sobre as articulações interinstitucionais no Semiárido, exemplo: como se dão as relações entre os sindicatos, associações e entre os próprios agricultores.

A função direção trata-se de dirigir esforços em sentido a um propósito comum, em

última instância dirigir é comunicar, liderar e motivar, dentro de um contexto de relações interpessoais. Portanto, o tripé – *comunicação-liderança-motivação* – deve ser analisado.

Pode-se dizer que a função administrativa controle trata da definição de padrões, monitoramento e comparação com o planejado. É conferência, regulação, padronização no intuito de manter o planejamento dentro do curso inicial. É verificar se aquilo que foi realizado está de acordo com o planejado.

Uma vez que o controle é universal as diversas atividades humanas, não o deixaria de ser para a convivência com o Semiárido. Então é eminente se compreender como se dá o controle no nível do Semiárido, a saber quais são os padrões adotados pelos sertanejos, averiguar em qual patamar estão os seus empreendimentos, se está ocorrendo eficiência, a quantidade de recursos empregada para alcançar objetivos.

É necessário que se crie uma consciência de administração para o agropecuarista, porém que não desconsidere os seus elementos.

Conclusões

A administração rural pode ser considerada sim como uma ferramenta de convivência com o Semiárido, embora sejam necessárias adaptações, a exemplo de mais pesquisas – como as que foram recomendadas - e difusão no sentido de se ter maior aplicação desta ferramenta por parte dos produtores da região.

Por meio desta pesquisa conseguiu-se gerar possibilidades de discussões teóricas e futuras investigações sobre o tema, iniciando desta forma um processo de construção de uma literatura apropriada referente à administração rural no contexto do Semiárido brasileiro.

É fundamental, na aplicação desta Ciência, a participação do extensionista, principalmente quando este está personificado na figura do agrônomo, uma vez que é ele quem detém a técnica e os conhecimentos científicos que alicerçam o domínio sobre o ambiente da agricultura, possibilitando a aplicação de técnicas de administração dentro do Semiárido. Porém, dentro de um entendimento geral deste trabalho pode-se dizer que cada indivíduo é administrador de si próprio. Qualquer pessoa pode ser um administrador, independente de títulos ou cargos que ocupa, sendo empresarial ou não sua atividade.

O agricultor sertanejo é quem administra os Sertões. Cabe a ele decidir o que, como e quando fazer, gerenciando os poucos recursos que detém. Portanto, a ferramenta da administração deixa de ser exclusividade e privilégio de quem possui mais recursos ou meios de produção, sejam estes materiais ou intelectuais podendo ser aplicada nas situações mais adversas, como no caso do Semiárido.

Referências

- CHIAVENATO, Idalberto. **Administração: teoria, processo e prática**. 4. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007. 411 p.
- CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução a teoria geral da administração**. 7. ed. rev. E atual. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. 634 p.
- GALINDO, Wedna Cristina Marinho. **Intervenção rural e autonomia: a experiência da articulação no Semiárido/ASA em Pernambuco**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008. 140 p.
- GOMES, Aldenôr (Org.). **Da mobilização às mudanças sociais: dinâmica das novas ruralidades do nordeste brasileiro**. São Paulo: Polis, 2006. 312 p.
- GRIFFIN, Ricky W. **Introdução à administração**. São Paulo: Ática, 2007. 567 p.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010: Sinopse do Censo e Resultados Preliminares do Universo**. 2011. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/0000000402.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2017.
- KWASNICKA, E. L. **Introdução à administração**. 6ª ed., rev. e ampl., 4. reimpr. São Paulo: Atlas, 2007. 337 p.
- LONGENECKER, Justin Gooderl; MOORE, C. W.; PETTY, J. W.; PALICH, L. E. **Administração de pequenas empresas**. Tradução Oxbridge Centro de Idiomas. 13. ed. 3ª reimp. São Paulo: Cengage Learning, 2013.
- MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru. **Introdução à administração**. 7. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2007, 404 p.
- MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru.. **Teoria geral da administração: da revolução urbana à revolução digital**. 6. ed., rev. e atual. São Paulo: Atlas, 2008. xxi, 491 p.
- OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer projetos, relatórios, monografias, dissertações e teses**. 4. ed. Rio de Janeiro: Elsevier; Campus, 2008. 192 p.
- PORTELA, Fernando; ANDRADE, Joaquim Correia de. **Secas no Nordeste**. 19. ed. São Paulo: Ática, 2005. 32p.
- STONER, James A. F; FREEMAN, R. Edward. **Administração**. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999. 533 p..